

## A NEOLOGIA – REFLEXÃO SOBRE A VARIAÇÃO E A INSTABILIDADE CONCEPTUAL

Madalena CONTENTE<sup>2</sup>  
Maria Teresa Rijo da Fonseca LINO<sup>3</sup>

### RESUMO

A neologia terminológica (neonímia) exige uma observação constante da língua por parte de terminólogos, lexicólogos e lexicógrafos; hoje, essa análise incide sobre diferentes tipos de corpora escritos e orais de línguas de especialidade ou de corpora lexicográficos. A neologia terminológica e a variação participam simultaneamente na inovação dos sistemas terminológicos e na terminologia diacrónica.

Existe um grande número de neónimos de discurso relativos a conceitos não estabilizados ou não normalizados. Esta dinâmica conceptual observa-se nos corpora textuais, em determinados tipos de textos, com um carácter de informação, divulgação e prevenção de algumas doenças ou epidemias; alguns fenómenos de instabilidade terminológica são um reflexo da instabilidade conceptual e/ ou científica em determinados domínios da Medicina, como a epidemia Ébola.

Neologismos terminológicos são criados para denominar novos conceitos e/ou novas particularidades cognitivas e mudanças conceptuais relativos, eventualmente, à evolução de um conceito.

**PALAVRAS-CHAVE:** neologismo, neonímia terminológica, neologismo terminológico, variação terminológica, instabilidade conceptual.

### 1. Introdução

O dinamismo constante da investigação médica tem como consequência a criação de novos conceitos que se traduzem por designações novas, isto é, neologismos terminológicos ou neónimos.

A neologia terminológica (ou neonímia, termo criado por Rondeau, em 1981) e a variação terminológica são, hoje, objeto de estudo da Terminologia. Em 1984, Rondeau teoriza a neologia, no quadro da diacronia, pelo facto deste fenómeno estar ligada ao dinamismo das línguas; nesta ótica, o autor apresenta a seguinte reflexão: «si l'on

---

2 Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

3 Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

considere le néologisme terminologique dans sa spécificité, il se distingue du néologisme lexical de la langue commune aussi nettement que le terme se distingue du mot» (1984; 122).

Mais tarde, Sager (1997) também formulou a sua própria teoria sobre a neologia terminológica, referindo-se à formação terminológica primária da neónimia de origem ou de criação e a secundária de denominação ou de transferência.

As novas epidemias, nomeadamente a do *vírus Ébola*, manifestaram-se numa instabilidade conceptual e linguística. Este processo refletiu-se na língua de especialidade, tendo como resultado a criação de neónimos para denominar novos conceitos e novas mudanças cognitivas.

Assim, neónimia e a variação são uma consequência da criação e da evolução do conceito e parte integrante do processo neológico; são responsáveis pela instabilidade linguística e, simultaneamente, pela renovação dos sistemas terminológicos.

## **2. Neologia terminológica e variação terminológica**

A neologia terminológica (neónimia) e a variação terminológica exigem uma observação constante da língua.

A Terminologia é um campo multidisciplinar que tem como missão facilitar não só a comunicação científica e técnica nacional e internacional, mas permitir também o desenvolvimento e implementação das línguas de especialidade, nas suas funções de comunicação de saberes especializados.

Os léxicos de especialidade estão directamente dependentes da instabilidade conceptual e terminológica e, conseqüentemente, apresentam um grande número de neónimos de discurso relativos a conceitos não estabilizados ou não normalizados. Na comunicação de uma inovação científica, observamos, por vezes, uma instabilidade a nível do conceito, da sua descrição científica, mas também uma variação denominativa com carácter neológico.

A identificação dos neologismos terminológicos não é uma tarefa fácil nem na língua corrente, nem nas línguas de especialidade; esta identificação pode ser feita através de vários processos: o critério da diacronia ajuda a recuperar os neologismos

que surgem, em *corpora* textuais, num período recente e num curto espaço de tempo; o critério lexicográfico: verificação da dicionarização de uma nova unidade terminológica nos dicionários especializados ou terminológicos; o critério da novidade: uma unidade é sentida como nova pelos locutores de uma comunidade apesar de não estar dicionarizada; o critério da instabilidade: um novo conceito é denominado alternadamente por duas ou mais formas neológicas diferentes o que conduz a uma variação terminológica denominativa, por vezes com um carácter sinonímico.

O neologismo terminológico é rapidamente aceite pela comunidade científica ao contrário do neologismo da língua corrente que tem um tempo de implantação mais longo. Por outro lado, o neologismo terminológico é registado em bases ou bancos de terminologia, num curto espaço de tempo; mas esta rapidez de implantação e de registo nem sempre é acompanhada pela sua dicionarização.

Os critérios de delimitação de um neologismo terminológico são, hoje, muitas vezes, inoperantes. Assim, a fronteira entre neologismo terminológico, novo termo e termo é muito ténue.

A neologia e a variação resultante do fenómeno neológico participam na diacronia terminológica, num curto período sincrónico; traduzem a evolução rápida de um conjunto de termos médicos, em consequência de uma evolução conceptual e semântica num curto espaço de tempo. A neologia e a variação terminológica manifestam-se em discurso, através de várias designações relativas a um mesmo conceito.

Assim, a neónimia implica diversos aspetos que devem ser observados:

- i) novo conceito;
- ii) nova particularidade do conceito.
- iii) instabilidade conceptual;
- iv) estabilidade conceptual;
- v) variação conceptual;
- vi) evolução conceptual.
- vii) estabilidade terminológica;
- viii) instabilidade terminológica;
- xix) variação terminológica.

Nesta investigação, a seleção dos neónimos e dos novos termos foi feita em *corpora* de níveis de especialização diferentes:

- a) altamente especializados (artigos científicos de especialistas);
- b) semi-vulgarizados (profissionais de saúde);
- c) vulgarizados (comunicação social).

Os textos da imprensa diária, sobre o surto da *Epidemia do Ébola*, foram integrados num sub*corpus* que integra textos científicos vulgarizados; posteriormente, com a ajuda do software *Antconc* foi efectuado o levantamento de alguns neologismos terminológicos que apresentam fenómenos de instabilidade terminológica, como por exemplo:

*Vírus do Ébola*

*vírus do ébola*

*Vírus Ébola*

*vírus ébola*

*Ebolavírus*

*ébola vírus*

doença por vírus **Ébola**                      doença por vírus *ébola (var.BR)*

doença do vírus **Ébola** ; sigla: DVE

doença viral de Ébola

*Ebolavirose* sigla : DVE

*febre hemorrágica do Ébola* sigla: *FHE*

*sintomas do Ébola*

*transmissão do Ébola*

*tratamento do Ébola*

*cura do Ébola*

O potamónio Ébola (rio do Congo) está na base da criação destes neologismos terminológicos, candidatos a termos. Durante algum tempo, estes neologismos terminológicos coexistiram não harmonizados.

Alguns destes neologismos têm processos de formação idênticos aos novos termos que passamos a apresentar:

*Vírus de Marburg*

*Vírus de Marburgo*

*Marburgvirose* sigla: *MARV*

Podemos observar vários neologismos terminológicos com diferentes tipos de variantes:

- a) gráficas: *Vírus do Ébola*, *vírus do ébola*, *Vírus Ébola*, *vírus ébola*
- b) morfossintáticas: *Ebolavírus*, *ébola vírus*, *vírus do ébola*
- c) norma europeia/ norma brasileira: doença por vírus **Ébola (PT)** ; doença por vírus **ébola (BR)**

Paralelamente, trabalhámos um subcorpus de textos científicos que apesar de serem escassos em português, existem alguns que do ponto de vista da sua temática são pertinentes. Assim, transcrevemos uns contextos, extraídos de um artigo científico publicado na edição de setembro/outubro de 2014, na *Acta Médica Portuguesa*, sobre o vírus Ébola, da autoria do Professor Jaime Nina, da Unidade Tropical do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT).

*«Ebolavirose, tal como a Marburgvirose, são zoonoses africanas, e para ambas o reservatório animal primário são morcegos. São febres hemorrágicas agudas típicas, caracterizadas por uma elevada taxa de letalidade. Num surto, o caso index humano infecta-se por contacto com um animal infectado, na maioria dos casos numa caçada. Os casos humanos secundários infectam-se por contacto próximo com um caso humano, com os seus fluidos corporais ou com um cadáver recente de um caso humano. São vírus que se transmitem facilmente por contacto directo com um caso infectado, ou por contacto com os seus fluidos corporais, basicamente com o sangue. Por isso, profissionais de saúde a trabalhar em condições subóptimas constituem uma percentagem elevada das vítimas do Ébola. De momento, o tratamento disponível é apenas de suporte, mas vários fármacos serão ensaiados em humanos a curto prazo. Também ainda não existe vacina aprovada, mas várias prometedoras já se encontram no pipeline».*

São contextos que apresentam vários aspectos que traduzem os traços conceptuais do conceito *Ebolavirose*, permitindo elaborar uma definição terminológica.

Nos diferentes tipos de *corpora* textuais, podemos observar o termo *Ebolavírus* em vários subdomínios:

- i) Epidemiologia;
- ii) Diagnóstico;
- iii) Prevenção e Controlo;
- iv) Tratamento.

A harmonização conceptual é feita pela comunidade científica e, frequentemente, assume um carácter internacional; no entanto, em vários domínios do conhecimento, o conceito é sensível a elementos de cultura e a estruturas da sociedade.

Esta harmonização conceptual tem consequências sobre a harmonização terminológica e, conseqüentemente, sobre a língua de especialidade de um sistema linguístico. Assim, os textos analisados apresentam uma certa complexidade nos fenómenos de neologia terminológica, onde podemos observar novas denominações não estabilizadas da epidemia, da doença, dos seus sintomas e das suas causas.

Em consequência desta instabilidade conceptual e terminológica, os especialistas têm necessidade de harmonizar e /ou normalizar conceitos e termos que utilizam na sua comunicação especializada.

Os neologismos acima mencionados participam simultaneamente da neologia formal e da neologia por empréstimo e até certo ponto de particularidades da neologia semântica.

### **3. Mediação da língua e da comunicação médicas**

A comunicação médica não se resume apenas à relação médico-médico (entre especialista-especialista); é uma troca complexa entre o médico e o seu paciente; é uma troca complexa entre o meio e a comunidade, em geral; por isso, os médicos devem estar conscientes da importância da língua na comunicação.

Durante o período epidemiológico do *vírus do Ébola*, aconteceram diferentes tipos de comunicação médica ou no âmbito da saúde pública nacional e internacional: o surto epidemiológico situou-se no continente africano; mas existiram várias situações de contágio, em virtude das ONGs presentes na ajuda e prevenção, assim como dos diversos colaboradores enfermeiros e médicos dessas instituições terem sido evacuados para o continente europeu e americano, para tratamento e, conseqüente, estudo epidemiológico.

No âmbito destes tipos de comunicação, entre vários atores sociais e diferentes profissionais da saúde, podemos falar em *mediação*, termo polissémico no quadro da língua e da comunicação médicas.

Podemos observar fenómenos de *mediação* entre:

- a) especialistas de uma comunidade científica;
- b) comunidade científica nacional e comunidade internacional;
- c) locutores e especialistas de um domínio científico;
- d) profissionais de saúde;
- e) terminólogo e especialista do domínio;
- f) médico e paciente.

Mas os fenómenos de *mediação* podem existir noutros momentos tais como:

- a) harmonização e normalização terminológicas;
- b) tradução médica de diferentes tipos de textos.

Qualquer comunidade é, fundamentalmente, pluricultural e constrói-se graças ao contacto entre diferentes grupos que refletem a sua maneira de pensar, de sentir e de agir. As trocas culturais não produzem todos os efeitos nem consequências, mas é a partir destes contactos que acontece a mestiçagem cultural e a hibridação cultural.

A Medicina tem, hoje em dia, relações estreitas com outras ciências ou ramificações do saber conexos. A interdisciplinaridade e a dinâmica da produção científica internacional justificam, em grande parte, a diacronia rápida da língua e da terminologia médicas.

O terminólogo é um mediador, no trabalho de harmonização realizado em equipa, em colaboração entre terminólogos e especialistas de uma comunidade científica; mas existe também uma mediação no trabalho de normalização terminológico institucional.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Ieda (Org.). *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*. São Paulo, Paulistana, CNPq. 2010.

BÉJOINT, Henri et THOIRON, Philippe. *Le sens en terminologie*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, Travaux du Centre de Recherche en Terminologie et Traduction, Université Lumière – Lyon 2, 2000.

CONDAMINES, A. (2005) *Sémantique et corpus*, Paris, Hermes, Lavoisier.

CONTENTE, Madalena. *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Colibri, 2008.

CONTENTE, Madalena e LINO, Teresa «A Neologia na Terminologia Médica: empréstimos entre subsistemas», in *Cineo 2011- Neologia das Línguas Românicas*, Alves, Ieda Maria e Pereira Eliane Simões (org.), São Paulo, CAPES – HUMANITAS, ISBN: 978-85-7732-289-3, pp. 863- 876, 2015.

LINO, Teresa, CONTENTE, Madalena, *et ali* (PT Portugal), Darras, Xavier (Coord.) *Vocabulaire panlatin du développement durable*, site de l'Office québécois de la langue française à l'adresse [http://www.oqlf.gouv.qc.ca/ressources/bibliotheque/dictionnaires/panlatin\\_ddurable\\_20150330.pdf](http://www.oqlf.gouv.qc.ca/ressources/bibliotheque/dictionnaires/panlatin_ddurable_20150330.pdf), ISBN version électronique : 978 -2 – 550 – 72192 – 5, 2015.

LINO, Teresa, CONTENTE, Madalena, «Les systèmes terminologiques en médecine et le travail terminologique intra- et interlinguistique: Processus de médiation», in *Adaptations aux diversités: médiation et traductions, approches interdisciplinaires – Adapting to Diversity: Interdisciplinary approaches to mediation and translation*, Glat, 2014, Brest, Télécom-Bretagne, ISBN: 978-2-908849-25-9, pp. 92-101, 2015.

LINO, Teresa “De la néologie à la lexicographie spécialisée d'apprentissage”, *Cahiers de Lexicologie* 78 - Hommage à Robert Galisson, Paris, Honoré Champion, 2001, p.139-145.

LINO, Teresa. “Lexicographie de spécialité Plurilingue – Médecine et Pharmacologie en Langues Néolatines” in *Actes du séminaire interlatin de San Millan in la Cogolla*. 2003.

LINO, Teresa (coord.)“Vocabulaires de spécialité et lexicographie d'apprentissage en langues-cultures étrangères et maternelles”, *Etudes de Linguistique Appliquée* 135, Paris, Klincksieck, Didier Erudition. 2004.

LINO, Teresa e PRUVOST, Jean (coord.) *Mots et Lexiculture – Hommage à Robert Galisson*, Paris, Honoré Champion. 2003.

LINO, Teresa. « Néologie et polysémie dans la terminologie médicale », *Actes Mots de la Santé*, Université Lumière – Lyon 2, Lyon. 2007.

LINO, Teresa. “Idiomaticité en portugais d'un point de vue de la terminologie: collocations terminologiques et néonymie”, in *Actes du Colloque Idiomaticité des Langues Romanes*, Paris, Université de Paris 8, le 11 et 12 décembre 2009. 2010.

LINO, Teresa, CHICUNA, Alexandre, GRÔZ, Ana Pita., MEDINA, Daniel. “Neologia, Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em contacto de línguas”, *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa* 12(2)Universidade de S. Paulo. 2010.

NINA, Jaime, «Ebolavírus: a 2014 Review for clinicians», In *Acta Médica Portuguesa*, edição de setembro/outubro de 2014; 27 (5): 625-633.



QUEMADA, Bernard. “Lexicographie”, *Lexicon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, vol.V, I Tübingen, Max Niemeyer. 1990.

RONDEAU, Guy, *Introduction à la terminologie*. Chicoutimi : Gaëtan Morin éditeur, 1984.

SAGER, Juan Carlos. «Term formation» In: WRIGHT, S. E. ; BUDIN, G. (eds.) *Handbook of terminology management*. Amsterdam : John Benjamins Publishing Company, v. I, 1997, pp. 25-41.

